

**A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO:
ANÁLISE DE UMA NOVELA**

VALQUIRIA DE OLIVEIRA MENEZES

ALTAMIR BOTOSO

THE RETURN OF THE LOST HUSBAND: ANALYSIS OF A NOVEL

Valquiria de Oliveira Menezes (UEMS)¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0643-7778>

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3437>

Altamir Botoso (UEMS)²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3437>

RESUMO: O artigo apresentado aqui se desenvolveu a partir dos estudos das Teorias Literárias, o que nos permitiu perceber as sutilezas entre os gêneros narrativos, as peculiaridades de personagens planas tantas vezes desmerecidas nas análises literárias, a importância dos espaços e do tempo da narrativa. O artigo baseia-se no estudo da novela e as teorias relacionadas a este gênero tão curioso que, aliás, ainda se delineia de modo vago entre os estudiosos da literatura, sendo confundido com um tipo de conto.

PALAVRAS-CHAVE: Novela; Malandragem; Teoria literária.

ABSTRACT: The article presented here developed from the studies of Literary Theories, which allowed us to perceive the subtleties between the narrative genres, the peculiarities of flat characters so often overlooked in literary analysis, the importance of the spaces and time of the narrative. The article based on the study of the novel and the theories related to this genre so curious that, incidentally, it is outlined still vaguely among scholars of literature, being confused with a type of story.

KEYWORDS: Novel; Trickery; Literary theory.

¹ Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Campo Grande/MS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0643-7778>. E-mail: kiromenezes@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8150412336237379>

² Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutor pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Campo Grande/MS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>. E-mail: abotoso@uol.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4996564101422445>

Este artigo foi composto a partir da percepção dos três principais gêneros literários compilados ao longo do tempo, sendo eles o conto, a novela e o romance. Sabendo que os gêneros se subdividem, a dúvida que se tem é sobre os aspectos da novela, especificamente, e o que ela oferece ao meio literário que a difere do conto de modo contundente, tornando-a um gênero único e não apenas um conto algo mais longo que o normal.

Para compreendermos os estudos literários que se voltaram a este assunto e ordená-los coerentemente, utilizamos da bela obra de Guimarães Rosa, a novela contida em *Sagarana* e intitulada *A volta do marido pródigo*, que, além de construída a partir de um discurso literário envolvente e que nos remete ao ato bíblico *A volta do filho pródigo*, desenvolve seu enredo de modo completamente diverso deste. Sua riqueza narrativa ainda permite que observemos os fenômenos do gênero novelístico conforme as teorias literárias específicas voltada à compreensão de características que a destaca dos demais gêneros.

O prólogo de *Sagarana* oferece ao leitor a definição do próprio autor sobre a obra *A volta do marido pródigo*, que reconhece as confusões entre contos e novelas e a define como novela, ou seja, as ações das personagens são precisas sobre as intenções e objetivos, o que seria simples para o desenvolvimento do enredo. Porém, em se tratando do gênero novelístico, as personagens são planas e complexificadas pela construção narrativa, o que se pretende mostrar nesta pesquisa.

A escolha da obra de Guimarães Rosa para este estudo está diretamente ligada à consagração do mesmo autor por obras como *Grande sertão: veredas*, romance reconhecidamente raro e único, com sua singularidade linguística e seu discurso inquestionável sobre a realidade do sertão sob a perspectiva das personagens que nem são reais nem tão distantes da realidade que não a espelhem de alguma forma. A narrativa singular de Rosa para a novela escolhida ofereceu a oportunidade rara de encontrarmos narrador neutro na composição da obra.

A novela *A volta do marido pródigo* vem numa linha de percepção da realidade inusitada, trazendo o malandro como um homem cativante de Minas Gerais que se vale da esperteza para alcançar seus objetivos. Nem o amor nem o reconhecimento o fazem recuar nas decisões que toma para realizar aquilo a que se propõe. A teoria do gênero novelístico deverá demonstrar a beleza da construção e a complexidade das personagens apresentadas na obra.

A obra permitiu que a pesquisa se aprofundasse nas personagens planas, no narrador neutro e nas características do gênero. Perceber a riqueza que os

diferentes gêneros literários oferecem ao leitor foi o principal objetivo deste estudo, consolidando a novela como parte deste universo inesgotável de possibilidades de leitura, deleite e reflexão da sociedade.

2. O que torna uma novela “a” novela

A obra *A volta do marido pródigo* conta a história de Lalino Salãnthiel, casado com Maria Rita, mineiro que trabalha num garimpo em Minas Gerais, empregado do seu Marra, dono do garimpo, comandado por Waldemar, o capataz, e colega de trabalho de Ramiro, um espanhol que gosta de Maria Rita e sobre o qual os outros garimpeiros tecem comentários pelas costas de Lalino sobre um possível romance secreto entre ele e Maria Rita. Lalino Salãnthiel é muito malandro, está sempre se esgueirando do trabalho, mas é muito envolvente, conta boas histórias, sempre num imaginário inventado sobre o Rio de Janeiro, sobre o qual lê em revistas de fofocas, imaginando-se entre as belas modelos das revistas com as quais, em suas histórias inventadas, já travou namoros.

A trama do enredo começa com a decisão afobada de Lalino de ir para o Rio de Janeiro, abandonando tudo e sem contar nada a Maria Rita. Pega com o espanhol, Ramiro, um conto de réis, e vai para o Rio com a promessa de que não voltaria nunca mais. Quase um ano depois, com o fim do dinheiro, Lalino teve saudades de casa e voltou a Minas Gerais sem nenhum tostão. Quem o reconhecia já o maldizia pela fama de quem teria vendido a esposa para ir se aventurar na cidade grande. Apesar da fama, Lalino encontrou “seu” Oscar, filho do Major Anacleto, e pediu um emprego político a ele como cabo eleitoral do pai. Arranjada a entrevista, Lalino não apareceu e o Major exaltou-se com o atrevimento, o que uma semana depois foi justificado por Lalino pessoalmente na fazenda do Major com ações de investigação que este teria realizado nas redondezas. Aí a esperteza de Lalino tem início, mas não para mais.

A cada ação de Lalino, uma surpresa acontece que o torna o queridinho do patrão, detestado por “seu” Oscar que se interessa por Maria Rita que ainda ama Lalino, e aplaudido pelos aliados do Major na política. Como apoiador do Major e das artimanhas de Lalino, a personagem do Tio Laudônio os justifica em todas as ações que poderiam ser desabonadas pelo leitor. Se a esperteza de Lalino beneficia as intenções políticas do Major, lá está tio Laudônio dizendo que para a política é válida tal abordagem. Quando o major se exalta com determinadas medidas e tenta repreender Lalino, lá está tio Laudônio aconselhando a calma para compreender o plano do malandro mineiro. Juntos, Lalino e o Major vão desabonando o concorrente político Benigno e roubando-lhe as ideias. Lalino tanto faz em espertezas que pede ao

Major um guarda-costas, o Estêvão, que passa a andar com ele e a protegê-lo quando seu atrevimento passa da conta.

Este breve resumo já deve demonstrar que nas suas 30 páginas, a novela de Guimarães Rosa está permeada de ações sequenciadas. É interessante observar que a personagem plana é explorada na obra e se torna complexa mesmo sem divagações acerca da consciência destas. Não há em nenhum momento da narrativa um aprofundamento em arrependimentos ou considerações a respeito das iniciativas tomadas para cada ação. As personagens planas são estrategicamente utilizadas neste tipo de narrativa, permitindo ao leitor o fluir das ações e a fruição da comicidade gerada do discurso narrativo.

Ressaltamos que as experiências de vida do autor possuem alguma influência direta em sua literatura. Notamos traços biográficos principalmente nos espaços escolhidos para a narrativa, quem sabe até nas personagens que protagonizam sua história. Um pouco do autor Guimarães Rosa: era mineiro, nascido em 1908 e falecido em 1967. Com uma história de muito trabalho, sendo que a literatura aconteceu em sua vida ocasionalmente, flertando com ele e o fazendo reconhecido apesar de não ser o foco de sua carreira. Segundo o *site* da Academia Brasileira de Letras, consta na biografia de Guimarães Rosa um resumo de suas atividades:

Diplomata por concurso que realizara em 1934, foi cônsul em Hamburgo (1938-42); secretário de embaixada em Bogotá (1942-44); chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura (1946); primeiro-secretário e conselheiro de embaixada em Paris (1948-51); secretário da Delegação do Brasil à Conferência da Paz, em Paris (1948); representante do Brasil na Sessão Extraordinária da Conferência da UNESCO, em Paris (1948); delegado do Brasil à IV Sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Paris (1949). Em 1951, voltou ao Brasil, sendo nomeado novamente chefe de gabinete do ministro João Neves da Fontoura; depois chefe da Divisão de Orçamento (1953) e promovido a ministro de primeira classe. Em 1962, assumiu a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras. (NEJAR, 2018, s/p)

Ao publicar *Sagarana* em 1946, Guimarães ganhou um lugar privilegiado na literatura brasileira devido a dois pontos muito interessantes. O primeiro é a linguagem peculiar que Guimarães utiliza em seus contos, inovadora tanto no discurso narrativo quanto na simbologia que assume nas obras reunidas. Outro ponto é o regionalismo sobre o qual narra, com novos significados e características que fogem ao que se havia observado sobre obras regionais até o momento. Apesar de nenhum dos dois aspectos terem se tornado parte deste estudo, ambos são marcantes nas obras de Guimarães e não se pode deixar de aludir a eles.

Estamos abordando brevemente a biografia do autor para distanciá-lo da obra enquanto biografia e focalizarmos nos aspectos artísticos que a narrativa nos oferece. As personagens da novela de Guimarães, por exemplo, não possuem profundidade de consciência, são planas e seguem uma mesma linha de ação do início até o fim em seu comportamento na trama. As personagens em *A volta do marido pródigo* são: Eulálio (Lalino) Salãnthiel, protagonista da novela, percebe o mundo em sua incompletude, sente-se vazio pelo lugar em que está e busca novas perspectivas de vida para si. Numa atitude egoísta, vai sozinho ao Rio de Janeiro e deixa sua esposa à própria sorte nos arredores do garimpo em que trabalhava. Maria Rita, esposa de Lalino, é passiva e apaixonada, tenta de todas as formas agradar ao marido que sequer a nota. Mesmo abandonada, se sente vítima dos impulsos do marido, mas não deixa de amá-lo sequer quando se envolve com outra pessoa. O “seu” Marra, dono do garimpo, é caricato daqueles que detêm o poder, admira Lalino por sua esperteza e não se importa que este não trabalhe, causando inveja aos outros garimpeiros.

Outras personagens secundárias detêm alguma importância na narrativa, como Ramiro, o espanhol, apaixonado por Maria Rita se amazia com ela depois que Lalino vai para o Rio. Waldemar o capataz do garimpo, acha graça das atitudes de Lalino. No segundo momento da narrativa, “seu” Oscar, filho do Major Anacleto, apoia Lalino no retorno a Minas Gerais, porém a atenção que o Major Anacleto, fazendeiro candidato político, dispensa a Lalino o deixa invejoso. Também tenta conquistar Maria Rita e, quando não consegue, tenta prejudicar Lalino dizendo que este debocha do amor da esposa que ainda o espera mesmo tendo sido abandonada e agora vivendo com o espanhol. Tio Laudônio, ex seminarista tio do Major, ajuda a arranjar as coisas com o Major quando Lalino faz das suas peripécias espertas, o admira e incentiva. Benigno, concorrente político do Major, é trapaceiro e usa as espertezas de Lalino para tentar prejudicá-lo, sem sucesso, no entanto. Estêvão, capanga do Major, é designado para proteger Lalino. Nunca emite opinião, mas é uma figura interessante na narrativa.

Por definição, segundo um dos principais estudiosos do romance, E.M. Foster, as personagens planas não eram valorizadas devido a suas características muito peculiares. Para ele, na verdade a personagem plana destaca-se na recepção emocional do leitor, aproximando-se dele, e, por definição, seria o que segue:

As personagens planas eram chamadas “humorous” no século XVII, às vezes, chamam-nas tipos, às vezes, caricaturas. Em sua forma mais pura são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade: quando há mais de um fator, atingimos o início da curva em direção às redondas. (FOSTER, 1974, p. 54)

As personagens planas são caricatas pelo jeito de falar, vestir e agir, tendem a atrair a identificação do leitor, se aproximar de sua realidade ou daquela vivenciada por ele, encontrando o leitor os vários Lalinós, Marias Ritas, espanhóis ao seu redor sem dificuldades.

Quanto aos espaços e ao tempo da narrativa em *A volta do marido pródigo*, seguindo as características do gênero novelístico, as trocas de espaço são com o tempo acelerado, as ações são rápidas e o foco narrativo acompanha, na maior parte do tempo, as ações da protagonista. Os principais espaços desta narrativa são: O garimpo, o Rio de Janeiro, a fazenda do Major Anacleto. O foco narrativo acompanha as ações de Lalino Salãnthiel, às vezes o aguardando em algum espaço para o qual este está se encaminhando, às vezes narrando as cenas, sempre em 3ª pessoa.

Sobre o gênero novelístico, Massaud Moisés foi quem didaticamente categorizou o gênero novela de maneira a ser compreensível em suas principais diferenças do romance e do conto e devemos ressaltar que essas ações rápidas que encontramos na novela *A volta do marido pródigo*, estão diretamente ligadas às tais características da composição narrativa. Segundo o autor, uma novela tem sua narrativa composta pelas características gerais.

Parafraseando Massaud, a novela é composta com pluralidade dramática sequencial, ou seja, pela escolha dos elementos de composição, as ações da trama se encadeiam sem que haja aprofundamento nas personagens, no tempo da narrativa ou nas descrições exacerbadas do espaço; a sucessividade com sequências alteráveis se refere à mudança de espaço que o protagonista vivencia sem prejuízo da trama; o uso do tempo geralmente histórico, determinado pelo relógio e pelo calendário; o espaço definido pela pluralidade dramática coerente com as ações encetadas pelo protagonista; uso de linguagem denotando as circunstâncias da narrativa, não se prendendo ao elemento descritivo mais que o necessário para que se estabeleça a próxima ação; presença de personagens sem um limite na quantidade ou no momento em que aparecerão no enredo, podendo facilmente se deixar personagens secundárias de lado sem maiores divagações durante a trama; e, a característica mais marcante da novela, um enredo com ritmo acelerado e de fácil entendimento.

Massaud Moisés afirma que “Ao contrário do que acontece com o conto, a novela desenvolve vários enredos ao longo da narrativa, que podem estabelecer conexões entre si” (MOISÉS, s/p, 2000). Para demonstrar o conceito de novela, proposto pelo teórico, vamos ver o capítulo III da narrativa d’*A volta do marido pródigo* e a passagem do tempo para outros espaços como exemplo do que encontramos na narrativa segundo o que o próprio gênero oferece de estrutura dos elementos narrativos para essa transição entre os lugares e o tempo para as personagens se estabelecerem no novo ambiente:

Um mês depois, Maria Rita ainda vivia chorando, em casa. Três meses passados, Maria Rita estava morando com o espanhol. E todo-o-mundo dizia que ela tinha feito muito bem, e os que diferiam dessa opinião não eram indivíduos desinteressados. E diziam também que o marido era um canalha, que tinha vendido a mulher. E que o Ramiro espanhol era um homem de bem, porque estava protegendo a abandonada, evitando que ela caísse na má-vida. Mas, no final dos comentários, infalível era a harmonia, em sensata convergência: — Mulatinho indecente! Cachorro lambeu a vergonha da cara dele! Sujeito ordinário... Eu em algum dia vou me encontrar com ele, vou cuspiendo na fuça!... Arre, nojo!... Tem cada um traste neste mundo!... E assim se passou mais de meio ano. O trecho da rodovia ficou pronto. O pessoal de fora tomou rumo, com carroções e muares, famílias e ferramentas, e bolsos cheios de apólices, procurando outras construções. Mas os espanhóis ficaram. Compraram um sítio, de sociedade. E fizeram relações e se fizeram muito conceituados, porque, ali, ter um pedaço de terra era uma garantia e um título de naturalização. (ROSA, 1946, p. 100)

Podemos dizer que o responsável pela construção dessas passagens de tempo com o acompanhamento das ações de um espaço a outro é, de acordo com o conceito de Reuter, do narrador. Consideremos a responsabilidade do narrador pois ele é constituído por signos linguísticos, ou pelas palavras, e são elas que irão conceber a imagem narrativa que, de acordo com o teórico, é “mais ou menos aparente àquele que narra a história” (REUTER, 2002, p. 19). Nem sempre o narrador sabe tudo que se passa na narrativa, como vimos no trecho destacado. Às vezes ele acompanha a personagem protagonista e vive com ela as situações que surgem. Reuter caracteriza como um narrador heterodiegético e sua perspectiva da narrativa passa pela personagem.

3. Análise da narrativa do conto *A volta do marido pródigo*

Vimos no primeiro tópico deste artigo que a novela possui, essencialmente, segundo Massaud Moisés, vários núcleos de ação que nem sempre se desenvolvem com as mesmas personagens, tendo o foco narrativo quase sempre na protagonista e a relação entre tempo e espaço sempre lineares e com momentos de transição acelerados.

Para observarmos um pouco mais de perto, vamos explorar o espaço e o tempo na narrativa e o comportamento das personagens dentro de cada cenário que o narrador nos apresenta. Inicialmente, estaremos com Lalino Salãnthiel no garimpo, local em que, como protagonista, Lalino atravessa a realidade do garimpo, as opiniões

se mesclam entre boa convivência entre os companheiros de labuta e aqueles que comentam o comportamento folgado de Lalino com relação ao serviço.

Este primeiro espaço oferece ao leitor aquilo que ele precisa saber sobre a personagem de Lalino, ou seja, o malandro se apresenta aos olhos dos companheiros de garimpo e se desnuda aos olhos do leitor sem intermédio de mergulho na psique da personagem. Pelo contrário, é na própria narrativa que isso pode ser observado, como o fragmento demonstra:

— Em nem sei como é que vocês ficam por aqui, trabalhando tanto, p'ra gastarem o dinheirinho suado, com essas negras, com essas roxas descalças... Me dá até vergonha, por vocês, de ver tanta falta de vontade de ter progresso! Caso que não podem fazer nem uma idéia... Cada lourinha, upa!... As francesas têm olho azul, usam perfume... E muitas são novas, parecendo até moça-de-família... Pintadas que nem as de circo-de-cavalinho... E tudo na seda, calçadas de chinelinhos de salto, vermelhos, verdes, azuis... E é só “querido” p'ra cá, “querido” p'ra lá... A gente fica até sem jeito... (ROSA, 1946, p. 107)

Esse malandro que atrai e que gera sentimentos controversos nos amigos, e assim também no leitor, é o que permanece até o fim da novela, vivendo suas aventuras de modo intenso e mantendo-se puro na essência de suas convicções de que sem a esperteza não teria sucesso em seus objetivos, ainda que estes fossem devaneios como os descritos acima, no trecho selecionado.

O segundo espaço em que vive Salãnthiel é o do Rio de Janeiro. Podemos ver essas cenas como em um espaço de transição, é o auge da esbórnica e vida boemia de Lalino, o lugar em que ele realiza todas as suas fantasias com a vida urbana e noturna do Rio. É nesse espaço que se tem a ação que desencadeia o retorno do marido às terras de Minas Gerais, principal temática da novela. Conforme o excerto selecionado, podemos observar o encadeamento de ações próprio do gênero novelístico:

Caiu na estrepolia: que pândega! Antes magro e solto do que gordo e não...
Que pândega!

Mas, um indivíduo, de bom valor e alguma ideia, leva no máximo um ano, para se convencer de que a aventura, sucessiva e dispersa, aturde e acende, sem bastar. E Lalino Salãthiel, dados os dados, precisava apenas de metade do tempo, para chegar ao dobro da conclusão.

O dinheiro se fora. Rareavam os biscates. Veio uma espécie de princípio de tristeza. E ele ficou entibiado e pegou a saudade.

Foi quando estava jantando, no chinês:

— E se eu voltasse p'ra lá? É, volto! P'ra ver a cara que aquela gente vai fazer quando me ver...

Deu uma gargalhada de homem gordo, e, posto de lado o dinheiro para a passagem de segunda, organizou o programa de despedida: uma semaninha inteira de esbórnia e fuzuê. (ROSA, 1946, p. 108-109)

No excerto destacado, vemos um discurso típico da vida boemia, carregado de elementos humorísticos e que demonstram que o protagonista não está arrependido. A novela se destaca pela retomada da volta do pródigo, ou seja, aquele que retorna arrependido, entretanto, a ironia narrativa é denotativa, pois o marido, Lalino, decide sua volta devido às dificuldades de sua empreitada na cidade do Rio e na escassez de recursos financeiros para se manter na vida libertina que o atraiu para lá. Sendo assim, a narrativa toma novo rumo com reviravolta dramática, característica própria do gênero novelístico.

O último espaço ocupado pelas aventuras de Lalino Salãnthiel é a fazenda do Major Anacleto. Após essa conclusão de que deveria voltar, o leitor recebe o intertexto com a parábola bíblica da volta do filho pródigo, tendo em mente que não se dá o mesmo para motivar a volta. Lalino não decide pelo retorno pelo arrependimento; seu retorno não lhe devolve tudo que havia deixado quando partiu; sua reputação dificulta muito a reconquista de seu espaço. Esses acontecimentos são todos contrários aos da parábola. O filho pródigo é recebido de braços abertos pelo pai que havia sido deixado para trás por rebeldia; o filho retorna por arrepender-se da rebelião contra o pai e a família, volta humilde e pede acolhida como um servo para se redimir; o pai restitui ao filho todo o prestígio e ainda o saúda como um vencedor arrependido que retorna ao lar após dura batalha com o mundo exterior.

A personagem de Lalino, por sua vez, é enaltecido na esperteza da malandragem e dos arranjos que faz para obter vantagens para si e para o Major. Nem sempre a personagem está na fazenda, posto ser o cabo eleitoral, mas o narrador em geral está ali aguardando o retorno de Lalino, dando notícias das ansiedades do Major e comentando por onde anda a protagonista. Mesmo quando a ex mulher, Maria Rita, o procura, ela se dirige à fazenda e é de lá que o mandam chamar. Vamos acompanhar o trecho escolhido:

— Calma, criatura! — levanta, vai lavar esses olhos... Ó Vitalina, engambela ela, dá um chá à coitadinha... Afinal... afinal ela não tem culpa de nada... É uma história feia, mas... Nem o Eulálio não tem culpa também, não... Foi só falta de juízo dele, porque no fundo ele é bom... Mas, que diabo! O espanhol é boa pessoa... Arre! Só o mano Laudônio mesmo é quem pode me aconselhar... Bem, fala com as meninas para tomarem conta dela, para ver se ela fica mais consolada... E a senhora pode dormir hoje com descanso, moça, não lhe vai acontecer coisa nenhuma, ora! — Ó Estêvam!

Qu'ê-de seu Eulálio?

— Seu Laio saiu... Foi p'ra a beira do rio...

— Mandê avisar a ele, já! Fala que a mulher dele está aqui... (ROSA, 1946, p. 133)

Lalino Salãnthiel, com toda a sua malandragem, ajuda o Major a vencer a eleição, reconquista Maria Rita, a Ritinha, abandonada no início da novela e que o perdoa completamente, mas na verdade é perdoada por ele por ter-se envolvido com o espanhol após a partida de Lalino. A sociedade representada pela trajetória de Ritinha e Lalino depreende que a vítima é culpada pelo contexto estabelecido. Pela obra, Lalino perdoa Ritinha pela traição de se haver amasiado com o espanhol, sendo, portanto, ela quem deve ser perdoada por Lalino, e não o contrário. Tal ironia é descrita na narrativa com discurso coerente, não deixando nébula a intenção de crítica a tal comportamento que é recorrente nos relacionamentos sociais.

Algumas histórias como a da novela d'A volta do marido pródigo foram escritas ao longo do tempo e são representadas por narrativas como esta. O malandro do imaginário brasileiro, em geral, está ligado à vida boêmia do Rio de Janeiro e Guimarães não deixou que sua fama de autor regionalista o impedisse de escrever tão contundentemente sobre os temas políticos abordados na obra, a caricatura do homem que abandona tudo em busca das fantasias da mocidade e a malandragem aceitável socialmente pelo povo brasileiro.

Outras obras retratam o malandro. Em *Memórias de um gigolô*, escrito por Marcos Rey (1986), as memórias de Mariano, um aprendiz de gigolô criado no Palácio de Cristal, bordel de sua madrinha, Madame Yara. Uma das meninas é Guadalupe, conhecida como Lu, por quem Mariano se apaixona e tem de dividi-la com seu protetor, Esmeraldo, um gigolô profissional. O texto de Rey, já televisionado em minisséries, filmes e etc., lembra muito o comportamento de Lalino, personagem caricata daquilo que se espera do tipo malandro.

Tanto o Mariano de Rey, quanto o Lalino de Guimarães podem ser analisados sob a perspectiva de Roberto DaMatta que, em sua obra *Carnavais, Malandros e Heróis* (1981), escreveu que o jeitinho brasileiro é característico do comportamento do brasileiro, parafraseando Damata (1981, p. 91), e todos os brasileiros sabem que a expressão é o reflexo igualizado e quase sempre dramático de uma separação social que nos coloca bem longe da figura do “malandro” e dos seus recursos de sobrevivência social.

As obras que abordam a essência tipificada das personagens, como as duas mencionadas neste estudo como exemplo. Estas resgatam o imaginário e a cultura que, pelo papel social que representam, por vezes é renegada ou ignorada. DaMatta

propõe a reflexão dos hábitos daqueles que negam tudo que a cultura construiu a partir de sua miscigenação, das crenças, comportamentos, cores, etnias, etc. e como é preciso uma força descomunal de arrogância para que tudo isso seja posto ao lado de si e o isente do “jeitinho brasileiro”, como se não fizesse parte do todo.

Um aspecto interessante desta novela é a forma pela qual trata temas comportamentais, estabelecendo relações entre a realidade a partir do uso de verossimilhança da obra com o cotidiano. As críticas e reflexões propostas pelo enredo estão na trama mimeticamente, tendo o leitor a liberdade de se envolver com a narrativa sem a indução do narrador. Isso se dá pela escolha do narrador da obra, que, sendo tipologicamente neutro, não oferece ao leitor o seu julgamento das situações em que as personagens se envolvem.

Considerações finais

A novela *A volta do marido pródigo*, de Guimarães Rosa, faz com que nos deparemos com algumas reflexões gerais sobre a personagem do malandro, oposições semânticas que se estabelecem com o desenrolar da narrativa desde o primeiro momento, quando Lalino Salãnthiel é um simples trabalhador do garimpo com uma esposa apaixonada para a qual ele pouco valor oferece e tampouco atenção.

Perdido em seus devaneios sobre uma vida que não possui, Lalino nos gera ao mesmo tempo simpatia *versus* antipatia; faz com que o leitor perceba a malandragem *versus* esperteza; expressa explicitamente paixão *versus* boemia. O leitor se apega a Lalino por essa característica da personagem plana de se tornar espelho das vontades do próprio leitor, pois não tendo a profundidade psicológica, Lalino é apenas um alguém que se senta ao lado e conta histórias mirabolantes, como a própria obra demonstra.

No segundo momento, podemos afirmar que o compromisso de Lalino é apenas consigo mesmo e suas paixões pelo viver libertino ao qual não tem acesso real, é descomprometido com Maria Rita, sua esposa, e as atitudes que toma a jogam nos braços de outro, como uma venda de fato. É interessante observar como Lalino contorna as situações, deixando de ser o “vilão” da situação e se tornando a vítima, pois ao procurar Maria Rita e Ramiro (o espanhol), Lalino o acusa de não o receber apropriadamente em sua residência quando o próprio Lalino um dia o havia recebido como amigo em sua casa.

Por fim, chama a atenção a formação dos relacionamentos de Lalino, sempre que sua convivência é em grupo há uma forte divisão de posicionamento do grupo em relação às atitudes de Lalino. Alguns o reprimem severamente, tecendo

comentários de julgo, outros o aplaudem por saber a hora certa de ser malandro e o momento preciso de se esquivar. A lealdade de Lalino ao Major também é algo que o abona de suas falcatruas.

Sendo este estudo voltado às características do gênero novela, é possível percebê-las na obra de Guimarães, *A volta do marido pródigo*, com muita clareza, e não eximimos com isso a confusão por sabermos que outras obras categorizadas como novelas possuem características diversas, como mergulhos profundos na psique das personagens. Em geral, mesmo os conflitos de obras com esse caráter mais interiorizado são associados a personagens planas, mas as reflexões narradas geralmente não as transformam nem às convicções de tais personagens.

Portanto, acreditando na riqueza que a novela possui para os estudos literários, trouxemos o autor brasileiro Guimarães Rosa e sua obra *A volta do marido pródigo* como exemplo de construção do discurso narrativo em prol de um gênero de difícil definição, e, apesar de sua ampla relação com o conto, é tão fluido e de fácil manuseio pelo leitor que é válida a busca por torná-lo especialmente querido aos leitores de todas as idades.

Referências

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: Prosa I*. 16.ed. rev. São Paulo: Cultrix, 2000.

REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução Angela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FORSTER, Ernest M. *Aspectos do romance*. Tradução Maria Helena Martins. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROSA, J. Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia de dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 272 p.

Recebido: 07/04/2024

Aceito: 08/04/2024

Publicado: 09/04/2024



Vol. 01, **Nº 01** (2024)

